

Mulheres realizam “inauguração popular” da Casa da Mulher Brasileira em São Paulo

Objetivo da atividade foi simbolicamente colocar o equipamento público em funcionamento e protestar contra descaso da prefeitura e do governo federal em relação às políticas públicas para mulheres em situação de violência

[\(Observatório da Sociedade Civil, 01/11/2017 - acesse aqui\)](#)

“A violência contra mulher não é o mundo que a gente quer. E abre alas que as mulheres vão passar. Nosso lugar não é no forno, nem no fogão. O nosso fogo é o fogo da revolução”, cantavam as mulheres que ocuparam no último domingo (29), a Casa da Mulher Brasileira, localizada no bairro do Cambuci, em São Paulo (SP).

A ação durou pouco mais de 24 horas e teve como objetivo chamar a atenção de gestores/as públicos/as e da sociedade. O equipamento público é uma iniciativa do governo Dilma e está pronto desde novembro de 2016. Sua inauguração estava prevista para este ano, mas encontra-se fechado, com mato crescendo e sem vigilância no entorno.

Uma iniciativa do Programa Mulher, Viver sem Violência, coordenado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, o espaço visa a oferecer atendimento humanizado às mulheres em situação de violência, com os serviços de acolhimento e triagem; apoio psicossocial; delegacia; Juizado; promoção de autonomia econômica, cuidado das crianças, dentre outros. De acordo com Sônia Coelho, da Marcha Mundial das Mulheres, o ato foi convocado como uma “inauguração popular” do equipamento. “A Casa é importante, pois integra diversos serviços em um só lugar. A mulher não vai precisar repetir o que aconteceu diversas vezes”,

afirma.

Dados mostram a relevância da medida. Segundo o Datafolha, em 2016, uma em cada três mulheres sofreram algum tipo de violência. A cada hora, 503 mulheres brasileiras são vítimas de agressões físicas.

Na segunda-feira (30), as mulheres se reuniram com o secretário especial de Relações Governamentais Milton Flávio e com a coordenadora de políticas públicas para mulher Gislaine Caresei e entregaram um documento pedindo a abertura imediata da Casa e a criação de um conselho gestor representado por trabalhadoras da comunidade local e do movimento feminista. Sônia Coelho analisa positivamente a aproximação. Mesmo sem nenhuma resposta concreta, conseguiram agendar uma reunião com a Secretaria Nacional de Políticas para Mulher do governo federal.

Neste ano, Michel Temer cortou os investimentos em proteção da mulher vítima de violência de R\$ 42,9 milhões para R\$16,7 milhões. Na cidade de São Paulo, Doria congelou R\$ 3 milhões do orçamento para os serviços de atendimento às mulheres. Nani Sacramento, da Central de Movimento Populares (CMP), afirma estar ocorrendo um retrocesso nas políticas públicas para as mulheres desde a extinção do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos e o atual desmonte da Secretaria da Mulher pelo governo federal. “As políticas públicas não serão para protagonizar as mulheres, mas sim manter uma sociedade machista e conservadora. As mulheres estarão nas ruas em marcha até que todas sejamos livres.”

De acordo com nota divulgada pela prefeitura de São Paulo, “somente após a conclusão das obras e entrega das chaves pelo governo federal é que a gestão e administração da Casa da Mulher Brasileira de São Paulo passará efetivamente à responsabilidade da gestão municipal.”

Por Felipe Sakamoto, do Observatório